

Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar

Josi Rosa de Oliveira¹
Magda Altafini Gomes²

RESUMO - O presente trabalho apresenta reflexões acadêmicas sobre a violência, trazendo nas primeiras seções um panorama parcial, definições e considerações sobre a temática, enfocando nas seções que se seguem, a violência nos espaços escolares, suas contextualizações e possíveis soluções coletivas. O Bullying é apresentado como um problema social que invadiu a escola, ocasionando vários problemas de ordem estrutural, política e pedagógica. Reflexões são feitas com o objetivo de se conhecer o problema, as suas implicações no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente; caracterizando o bullying, o mobbing, o cyberbullying e o comportamento dos bullies. Apresenta algumas considerações em relação às estratégias que possam contribuir na prevenção e na intervenção do bullying na escola, que passa pela capacitação dos professores, orientação dos alunos, políticas de prevenção e educação para a paz.
Palavras-chave: Bullying; Violência Escolar; Violência Social.

Education as a way of racism elimination: A issue of human rights

ABSTRACT - This article presents academic reflections on violence, bringing in the first sections a partial overview, definitions and considerations on the subject, focusing on the sections that follow, violence in school spaces, its contextualization and possible collective solutions. The Bullying is presented as a social problem that has invaded the school, occasionally several structural problems, political and pedagogical. Reflections are made with the objective of discovering the problem, its implications for the development of child and adolescent; characterizing bullying, mobbing, cyberbullying and the behavior of bullies. Presents some considerations related to strategies that may assist in prevention and intervention of bullying at school, passing through teacher training, mentoring of students, policies for prevention and peace education.
Palavras-chave: Bullying; School Violence; Violence.Social.

¹ Mestranda em Educação pela PUCRS; Especialista em Educação a Distância-SENAC/EAD; Professora Estadual do Ensino Profissional e Médio e Tutora no Curso de Pós Graduação em Mídias na Educação-UFSM.

² Mestranda em Educação pela PUCRS; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FEEVALE, Licenciada em Letras Língua Inglesa e literaturas da língua inglesa pela FACOS/Osório.

Introdução

A sociedade humana é sinalizada por processos de criação e de categorização das pessoas. Neste sentido, o ser humano constrói sua identidade nas relações que estabelece consigo mesmo e com outros seres, ao mesmo tempo em que transforma a sociedade, também é transformado por ela.

Cada sociedade classifica os homens de acordo com a sua visão e padrão de normalidade esquecendo-se por vezes que esta é composta de homens diversos. Nas relações que se estabelecem, condutas violentas têm se formado, impondo desafios para pesquisadores, profissionais do ensino, governantes e demais agentes. É preciso que se compreendam os processos produtores da violência na contemporaneidade, em especial na escola, para tecermos algumas possíveis soluções, que acreditamos sejam do âmbito das instituições formadoras da sociedade.

Peralva (apud Levisky 2001, p.25), em suas reflexões relaciona a violência à democracia. Parece a priori paradoxal, contudo a democracia, de certa maneira, traz em si mesma um potencial de violência que deriva dos conflitos inter-individuais que sempre crescem paralelamente ao crescimento da igualdade. Desde os primórdios, os privilégios dos nobres foram pouco tolerados pelas classes minoritárias e, portanto, a necessidade de um regime político que desse conta de reduzir estas distâncias.

Por muito tempo e ainda em nossos dias, alguns estudiosos atribuem uma das causas da violência, em grande parte, a pobreza e a miserabilidade. Todavia, pesquisas apontam que

os municípios mais pobres do território brasileiro são aqueles em que há menos violência. A mídia, inclusive, apresenta cenários de violência em todas as camadas da sociedade. Em se tratando da violência entre jovens, pode-se encontrar um alto nível de desenvolvimento, também na elite do país.

A desigualdade e a igualdade, segundo Peralva (idem. p.30) são categorias gerais da experiência democrática e que por si só não são geradoras de violência, mas de conflitos consideráveis. Neste cenário democrático de uma sociedade individualista, a educação dá suporte ao ingresso em massa da juventude dos extratos populares. Junto a isso a vida urbana exige um comportamento consumista.

Peralva (2001) afirma, ainda que a sociedade brasileira nos últimos quarenta anos foi marcada por uma significativa redução das desigualdades sociais, foi também acompanhada por um ganho de conflitos potenciais, mas manteve em níveis exponenciais a desigualdade de renda.

A violência que sofre a sociedade hoje tem a ver com as transformações internas que vem sofrendo em seus diversos campos. O sistema social está em desequilíbrio e compreender a violência significa compreender as condutas humanas, as formas como seus agentes favorecem ou inibem estas condutas e também como respondem a elas.

Partiremos para um passeio teórico-histórico, objetivando a demarcação de nosso tema e algumas definições importantes para a compreensão das idéias.

Considerações sobre a violência

Em busca de definições que pudessem elucidar nossos estudos, apresentamos algumas que julgamos pertinente. Partimos do conceito do termo ‘violência’ do dicionário Priberan on-line (2010): s. f. 1. Estado daquilo que é violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. **Veemência**. 5. **Irascibilidade**. 6. **Abuso da força**. 7. **Tirania; opressão**. 8. Jur. **Constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer; coação. (grifos nossos)**

Como se pode observar, o conceito é bastante amplo e há ambivalência semântica, conforme nos diz Aquino (1998). O termo pode ter conotação positiva, denotando a qualidade do que atua com força e grande impulso. Neste sentido, o autor traz para a reflexão a ação dos agentes institucionais, e aqui podemos concluir que a escola seja um espaço institucional. Diz-se que a ação seria violenta porque transformadora, ou seja, uma ação desencadeadora de algo novo.

Sob outra ótica do termo, acredita-se que a violência seja um fenômeno dinâmico, histórico e biopsicossocial que sofre mutações conforme os ditames e condutas da sociedade. No intuito de compreendê-la melhor, apropriamo-nos de alguns exemplos de Peralva (2001, p.32-33) na tentativa de esclarecer o leitor e nós mesmas. Utilizando o cenário social da atualidade trazemos à discussão o tipo de violência policial e sua variante de compromissar-se com o crime. Vemos, neste exemplo, a inversão dos valores e das funções sociais as quais a polícia se destina, e junto a isso, seguindo o exemplo, temos a delinquência e a criminalidade, oriundas da impunidade, formando um círculo vicioso. E a

sociedade privatiza a segurança numa tentativa de conter o que já não está contido.

Outro tipo a considerar é a justiça ilegal, tais como os linchamentos, chacinas que constituem forma de ação direta em resposta a insegurança e a ausência da prestação de um serviço público. As políticas públicas deficientes nestas questões e o fato de vivermos num país caracterizado por níveis de risco urbano evidenciam a multiplicação da violência nos micro espaços da sociedade.

A antropóloga Alga Zaluar (apud Levisky 2001, p.43) afirma que nos países em que a lei, em vez de impor limites ao dinheiro, deixa-se seduzir por ele, o acúmulo de riquezas e dos instrumentos de violência são fundamentais para capacitar as pessoas na resolução de conflitos. Refletindo sobre as palavras de Zaluar, nos remetemos ao cenário televisivo, onde a violência pública e a particular se unem em detrimento do saber social e caímos na via de grande fluxo que são as múltiplas causas da violência.

No passeio a que nos propomos, apresentamos a seguir informações do cenário europeu, colhidas na pesquisa bibliográfica sobre a violência. Debarbieux (2002) em seus pressupostos teóricos rumo às ações das comunidades científicas para lidar com a violência, afirma que os projetos científicos desenvolvidos para este fim devem também ser éticos. Uma ética de debate andando junto com a ética da responsabilidade, a luz da razão e aliadas para o esclarecimento. Em outras palavras, políticos e cientistas em prol da busca de soluções para o problema da violência.

Na Espanha, na década de 1990, um grupo de pesquisadores da Universidade de Sevilha constatou na realização de estudos, a presença do fenômeno das relações e dos episódios de ofensas verbais, abuso de poder, assédio psicológico, intimidação, ameaças e maus-tratos em geral, ocorridos entre colegas, nas escolas. Este mesmo grupo trabalhou sobre o problema em duas direções: a pesquisa e a prevenção.

Observa-se, no exemplo de Sevilha, a preocupação não somente com os dados estatísticos, mas com ações preventivas a partir destas constatações, pois se imagina que um estado social defectivo não deva se ampliar por força da inércia da sociedade. A natureza do fenômeno da violência não é problema só dos garotos e garotas da escola, mas das famílias, da escola e de todas as áreas da sociedade. Os programas-modelo existentes são centrados nas crianças, focados nas famílias, direcionados a prevenção, tendo como base a comunidade e suas necessidades. A comunicação é ferramenta fundamental entre os colaboradores e prestadores de serviços educacionais e de outras áreas. Administram conjuntamente e possuem equipes treinadas e qualificadas para o desenvolvimento do programa. Entre suas limitações estão a falta de coordenação entre as políticas e as práticas dos prestadores de serviços de assistência e também da incapacidade de fazer uso dos conhecimentos das próprias famílias, crianças e jovens. Seu desafio maior consiste na articulação do sistema escolar e dos sistemas de aprendizado e de serviços com base na comunidade.

Na Holanda, por sua vez, o sistema de assistência aos jovens vem sendo lento no tocante ao desenvolvimento das relações

estruturais com o sistema educacional. Possui equipes de assistência a juventude que trabalham junto à rede de escolas. Caracterizam-se por complementarem os serviços de apoio educacional oferecidos pelas escolas, atuando nas residências dessas famílias e no seu entorno. Como Sevilha, a Holanda também tem o desafio de conferir maior poder às necessidades da comunidade. De uma maneira geral, acreditam que os serviços de saúde e os serviços humanos sediados na escola ou a ela vinculados, são parte de uma mesma missão, educativa. Amsterdã, por exemplo, adota estratégias de componentes múltiplos em seus projetos contra a violência, com planejamento a nível urbano e provincial, com parcerias entre as cidades e as partes interessadas, tais como conselhos escolares, instituições de saúde, etc.

Retornando ao cenário nacional, observamos em Njaine e Minayo (2003), no artigo intitulado “Violência na Escola: identificando pistas para a prevenção”, abordagens interessantes sobre os significados diferentes que o fenômeno da violência adquire nos contextos sociais diversos. Trazem o perigo das armas de fogo nos diversos contextos e ilustram a preocupação com dados dos homicídios ocorridos no nosso país, no ano de 2000: 68% destes, ocorreram pelo uso de armas de fogo. A grande preocupação é que, no imaginário de certos jovens, há uma exaltação, como símbolo de poder. Aliadas a esta preocupação, estão as armas brancas (canivetes, facas, estiletes, etc) que já invadem o espaço escolar, conforme evidenciam as pesquisas denotando o reflexo da violência do bairro, da família e as condições de privação. A violência

vivida no contexto da família e do bairro, afeta direta ou indiretamente o espaço escolar. Cárdua (apud Njaine e Minayo, 2003) aponta a escola como parte do problema, mas também parte da solução.

Podemos apontar com as autoras, algumas das causas da convulsão social que estamos enfrentando. A primeira a citar são as atitudes de agressividade nas relações interpessoais, explícitas ou veladas. Que pode vir numa via de mão dupla do pai/mãe para o filho(a), do professor para o aluno e entre estes. Outra possível causa seria o descaso com o semelhante, com seus feitos, seus progressos como pessoa. A mídia, em especial a televisão, é apontada como a vilã pelos próprios educandos, pois noticia a violência com muito mais ênfase do que o faz com as ações e atitudes assertivas da humanidade, sendo um mau modelo para a formação do caráter. Os educadores, por sua vez, apontam as famílias como causa, em virtude das desestruturações e da falta de tempo dedicado aos diálogos fraternos. Os pais por sua vez, atribuem a falta de limites e de autoridade do professor, como uma possível causa da violência e da indisciplina.

Acreditamos que à escola foram delegados muitos papéis e atribuições que, apesar de trazer no seu escopo a formação do ser humano, sabe-se que, sozinha, não conseguirá atingir ao seu objetivo.

Este texto propõe-se às reflexões sobre os espaços escolares, o que implica também no restante da sociedade pensar sobre as formas como tem contribuído na construção de soluções possíveis à questão desafiadora do combate à violência nas escolas.

Bullying

Bullying é uma palavra de origem inglesa que define o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. TATUM E HEBERT (apud Fante, 2008 p.199). O termo é muito utilizado nos estudos sobre violência, para designar comportamentos sociais inadequados e/ou agressivos.

Nos últimos anos, têm-se falado muito sobre o *bullying* nas escolas e, principalmente, na mídia, em função da repercussão de inúmeros casos que têm acontecido. Alguns municípios já criaram, inclusive, leis anti-*bullying*. Estas leis propõem políticas de educação para a Paz, no sentido de diminuir a incidência, principalmente nas escolas.

A ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), que infelizmente fechou suas portas por falta de recursos depois de quase duas décadas defendendo o direito das crianças à infância, realizou uma pesquisa muito significativa sobre bullying entre 2002 e 2003. Esta pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da PETROBRÁS e em parceria com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sem dúvida foi a maior e mais importante pesquisa realizada sobre o assunto no Brasil. Segundo Fante (2008, p. 11):

Alguns fatores propiciam o bullying, sua banalização e legitimização: atitudes culturais, como desrespeito, a intolerância, a desconsideração ao diferente; a hierarquização nas relações de poder estabelecidas em detrimento da fraqueza de outros; o desejo de popularidade e manutenção do status a qualquer preço; a reprodução do comportamento abusivo

como uma dinâmica psicossocial expansiva; a falta de habilidades de defesa, a submissão a passividade, o silêncio e sofrimento das vítimas; a convivência daqueles que assistem e o incentivo às ações cada vez mais cruéis e desumanizantes; a violência doméstica, a ausência de limites, a permissividade familiar, a falta de exemplos positivos; a omissão, o despreparo, a falta de interesse e comprometimentos de muitos profissionais e instituições escolares; a impunidade, o descaso e a falta de investimentos e políticas públicas voltadas à educação e à saúde para o tratamento e a prevenção, dentre outros.

Vários são os comportamentos observados nos praticantes de *bullying*: ofender; humilhar; espalhar boatos; fofocar; acusar; isolar; agredir fisicamente; expor ao ridículo; ofensas raciais, étnicas ou de gênero; entre outras.

Normalmente, as mulheres praticam o *bullying* de maneira diferente dos homens. A tendência das mulheres é de espalhar boatos maliciosos, intimidar ou rir em grupos, destruir a reputação da amiga, utilizam a exclusão social como principal arma. Os homens em geral se utilizam mais de agressões físicas.

Os *bullies*, como são chamadas as pessoas que praticam o *bullying*, são pessoas que vêm de ambientes disfuncionais, utilizam este comportamento, muitas vezes para proteger a si mesmo, de ameaças recebidas e de traumas sofridos durante o seu desenvolvimento. Normalmente, estas pessoas são ou foram vítimas de *bullying* e reproduzem mantendo o círculo. Há uma necessidade compulsiva de deslocar esta agressividade sofrida. Segundo Moz e Zawadski (2007, p.54): “Uma criança insegura e magoada poderá submeter outras a *bullying*, e/ou colocar a si mesma como alvo de *bullies*. Nunca trabalhamos com um *bully* cujo comportamento não estivesse baseado em vitimização. Eles não nascem, são formados. Não

são crianças más, e sim crianças tristes.” Pode-se observar nas escolas, no contato com estas crianças e adolescentes, todos têm uma história familiar de violência, abandono e/ou rejeição.

Segundo Moz e Zawadski (2007, p. 128):

Os *bullies* vivem com medo e ansiedade, sentindo-se inseguros inadequados e solitários. Carecem da capacidade de interagir com os outros de forma honesta, madura e saudável. Quanto mais vulneráveis se sentem, mas percebem a necessidade de estar no controle. A percepção de seu próprio comportamento e do outras pessoas é distorcida, o que aumenta sua necessidade de se defender. Eles têm respostas emocionais inadequadas, que foram aprendidas por meio de experiências sofridas na infância ou como resultado de longa vitimização na idade adulta.

Os *bullies* são extremantes perspicazes, no reconhecimento das suas vítimas. Escolhem pessoas que são ou estão fragilizadas por algum motivo ou que têm características diferentes do grupo. Outras que são tímidas, retraídas, passivas, submissas, com dificuldades de defesa, de expressão e de relacionamento, crianças com necessidades educativas especiais, pessoas obesas, magras demais, negras, que usam óculos, com orientação sexual diferente, etc. São muito habilidosos no ato de intimidação, sabendo reconhecer o calcanhar de Aquiles de cada uma das suas vítimas. São especialistas em nos confundir, pois são encantadores em um minuto e nos atacam no próximo. São tão poderosos porque atacam diretamente o nosso ser, a

Segundo Moz e Zawadski (2007, p.15): “Os *bullies* dependem do nosso medo, de nossa impotência e de nosso silêncio para continuar com seu comportamento, e o terrorismo nunca poderá ser eficaz a menos que vivamos amedrontados, impotentes e paralisados”.

As vítimas de bullying podem sofrer traumas irreparáveis, comprometendo sua saúde física e mental, interferindo no seu desenvolvimento tanto cognitivo, quanto emocional. As crianças menores vítimas de bullying podem apresentar sintomas como dores de cabeça, tonturas, náuseas, dores de estômagos e de barriga, diarreia, enurese, insônia, entre outras doenças psicossomáticas, como gastrite, bulimia, anorexia, rinite, alergias e problemas respiratórios. Estes sintomas aparecem normalmente em horários próximos de ir para à escola, como tentativas inconscientes de se proteger do bullying. Também se observa muita ansiedade, tensão, medo, irritabilidade, dificuldades de concentração, tristeza, apatia, chegando até em casos mais graves à depressão.

O *Bullying* acontece praticamente em todos os lugares; no ambiente familiar os maus tratos e violência contra a mulher é muito comum, tanto que os Conselhos Tutelares e as Delegacias da Mulher estão cada vez mais atribulados de denúncias; nos locais de trabalho também é muito frequente, tanto nas grandes empresas privadas, quanto nos ambientes mais simples, assim como nas instituições públicas.

Na família, o *bullying* é praticado principalmente pelos pais, através de ameaças explícitas e/ou veladas de privação de segurança financeira e/ou emocional. O comportamento *bully* na família caracteriza-se por abuso físico: bater, empurrar, chutar, castigos, etc; e por meios de palavras ou de ações que ferem a autoestima das pessoas, por exemplo, pais que chamam os filhos e/ou esposas de burros (as), incompetentes, feios (as), más, desajeitados (as); expondo as pessoas a humilhações públicas e/ou privadas. É

muito comum também, o uso do poder econômico na relação entre pais e filhos. As ameaças de corte do sustento, de alguns privilégios são formas de *bullying* praticado nas famílias.

O *bullying* também acontece nos relacionamentos afetivos entre homens e mulheres, e como o *bully* pode ser gentil e amoroso uma boa parte do tempo, as vítimas acabam ficando muito tempo neste relacionamento na esperança de que a pessoa mude. Moz e Zawadski (2007, p.104) nos dizem que:

A vítima aprende a se concentrar no bom comportamento e começa a negar o quanto a situação é realmente ruim. Com o passar do tempo, pode perder seu amor-próprio, crer em tudo o que o *bully* lhe diz e começar a assumir a responsabilidade pelos comportamentos abusivos deste, acreditando que causou o abuso. Aos poucos, começa a mudar suas visões, seus sentimentos e seus comportamentos para agradar o *bully*, com esperanças de parar o abuso, ainda querendo a pessoa que vê 8% do tempo.

No trabalho, o *bullying* também é muito frequente. Moz e Zawadski (2007, p.111) comentam que: “O *bullying* no local de trabalho tem sido um problema não-falado por anos”. Estes mesmos autores descrevem o comportamento *bully* no trabalho como acusações infundadas, críticas desnecessárias, fofocas, intimidações, racismo ou assédio sexual.

Segundo Moz e Zawadski (2007 p.111):

[...] os chefes que são *bullies* podem preparar seus alvos para o fracasso, dando-lhes tarefas demais, de menos, ignorando-os ou atribuindo-lhes responsabilidades para as quais não estão qualificados, o que resulta em acusações de que seu desempenho profissional é inadequado e pode vir a causar a perda do emprego.

Os ambientes de trabalho onde os chefes são *bullies* normalmente são espaços opressores, competitivos e cheios de medo. A rotatividade de funcionários, baixa produtividade no trabalho e número de licenças de saúde são muito significativos, em função da falta de motivação para o trabalho e a psicossomatização dos problemas. Moz e Zawaski (2007, p.117) caracterizam os sintomas normalmente apresentados:

As vítimas podem apresentar dores de cabeça, fadiga, transtornos no padrão de sono, pesadelos, perda ou ganho de peso, dificuldades de engolir, náusea, problemas no trato digestivo, síndrome do intestino irritável, diarreia, tontura, dores constantes, ansiedade, ataques de pânico; podem ter sentimentos de confusão, raiva, culpa, vergonha, medo, terror, aflição, depressão, desesperança e/ou desamparo, baixo amor-próprio, insegurança e isolamento.

Bullying e o espaço escolar

No contexto escolar este cenário não é diferente, bem pelo contrário, a ocorrência de *bullying* é cada dia maior, e as conseqüências são arrasadoras no desenvolvimento das crianças, na construção da autonomia e na autoestima dos jovens. Moz e Zawadski (2007, p.19) relatam o caso de um adolescente que cometeu um suicídio para escapar do sofrimento psíquico o qual era submetido na escola. O adolescente deixou um bilhete à sua mãe:

Eu poderia pegar uma arma e atirar em todos os meninos, mas não sou uma pessoa má. Também não vou dizer quem são os bullies. Você sabe que eles são. Eu ria por fora e chorava por dentro. Mãe, depois da minha morte, vá até a escola e fale com os meninos. Diga para que parem com o bullying, uns sobre os outros, pois isto machuca profundamente. Estou tirando a minha vida para mostrar o quanto machuca. (MOHARIB, apud . Moz e Zawadski, 2007).

O depoimento deste adolescente mostra o sofrimento psíquico pelo qual passam as vítimas de *bullying* na escola, chegando até em casos mais extremos, ao suicídio. Pode-se perceber também, através deste depoimento, o medo que as vítimas têm de reclamar os abusos para a direção da escola e até mesmo para os pais. Estes acontecimentos são muito comuns, normalmente as crianças e/ou adolescentes não revelam a identidade dos *bullies* para a direção e para os professores, pois têm medo de represália. Suportam todos os abusos calados ou começam a faltar às aulas por medo e/ou vergonha das situações a que são submetidos. Muitos até pedem transferência de escola, antes mesmo de tentar uma alternativa, junto às autoridades competentes.

Na escola, observa-se também o *Mobbing*, que seria uma forma de *bullying* em grupo. Como os adolescentes normalmente andam juntos, eles também se reúnem para praticar o *bullying*. As gangues, os bondes, as torcidas organizadas são exemplos de grupos de adolescentes que praticam o *Mobbing*. Quem não fizer parte pode ser alvo fácil. Muitas vezes alguns adolescentes sem autonomia de pensamento e sem um bom suporte familiar unem-se a estes só para ficar imune aos ataques.

Com o desenvolvimento da tecnologia, a internet, os sites de relacionamento, o *bullying* tomou formas muito modernas, e nos últimos tempos temos também o *Ciberbullying*, que nada mais é do que a forma virtual de praticar *bullying*. Este fenômeno está preocupando muito os educadores e os pais em todo o mundo, pelo seu efeito multiplicador. Na prática desta

modalidade de *bullying* é utilizada tecnologias da comunicação e da informação indiscriminadamente, com o objetivo de humilhar, expor e ridicularizar as vítimas. Os adolescentes tiram fotos com seus celulares modernos de cenas constrangedoras, muitas vezes em festas em que estão todos juntos e colocam em sites como Orkut e Youtube, com legendas ainda mais vexatórias. Fante (2008, p. 10) coloca que:

O bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, a dificuldade de integração social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas.

Este problema tem permeado as discussões nas escolas, com o objetivo de pensar estratégias de prevenção e de intervenção. Não é uma discussão muito fácil, pois a maior parte dos educadores não consegue perceber também a vitimez do bully, até porque muitas vezes o próprio professor é vítima dos bullies.

A tendência nas discussões é de querer punir, expulsar do grupo. Como se esta fosse a alternativa mais acertada. Sabe-se que estas atitudes não resolvem o problema, pois, se expulsássemos todos os alunos que praticam ou que são coniventes, teríamos poucos alunos na escola. Moz e Zawadski (2007 p.88) colocam que:

Muitas escolas tentaram gerar mais segurança estabelecendo políticas antibullying, que punem o autor por seu comportamento. Essa estratégia para tratar o problema mostrou-se ineficaz. Muitas crianças que praticam o bullying grave se

habitaram à punição ao longo de suas vidas. Punições como detenções escolares, sair da sala de aula, chamar os pais ou expulsões e envolvimento em disputas de poder geralmente são enfrentadas pelo aluno com desafio e indiferença.

Mas, então o que se pode fazer para prevenir e/ou amenizar os problemas de bullying na escola? Em primeiro lugar, reconhecer que o bullying é um problema social e que não é só um problema da escola. Como problema social, insere-se na escola naturalmente acarretando vários outros problemas, acontecendo em todas as escolas, não só nas escolas públicas de periferia, mas também em escolas privadas com um bom nível social e econômico. O bullying sempre existiu, não é um fenômeno psicossocial novo, mas só foi nomeado há pouco tempo e a partir desta nomeação e conceituação, é que se começou a discutir sobre o assunto.

É fundamental que as escolas realizem formação para capacitar os professores e demais profissionais da educação, com o objetivo de entender os prejuízos para o desenvolvimento global tanto dos bullies, quanto das vítimas em si. A capacitação dos profissionais possibilita uma melhor observação nas relações interpessoais, a identificação, o que leva a atitudes mais acertadas em momentos delicados.

A escola precisa articular políticas de prevenção e de intervenção de uma forma consciente, responsável e democrática, para que quando ocorram casos graves de bullying na escola, todos estejam preparados para atuar com responsabilidade social e de forma segura.

Também é de extrema importância discutir o assunto com os alunos, principalmente os adolescentes. Quando se discute o tema, percebe-se que praticamente todos já foram

vítimas de bullying em algum momento da vida. Muitos alunos, inclusive os próprios bullies, relatam com detalhes as agressões vividas. Este tipo de discussão provoca sentimentos de empatia. Muitos dos alunos não têm esta capacidade desenvolvida, pois não têm e não tiveram vínculos saudáveis com seus cuidadores.

É por meio de vínculos saudáveis com cuidadores adultos que as crianças desenvolvem empatia (ou seja, capacidade de sentir o que os outros podem sentir em situação semelhante). As sementes de cuidado, preocupação e vínculo que germinam e florescem mais tarde, tornando-se a capacidade de uma criança estabelecer empatia com os sentimentos de outros, são semeados nos primeiros meses de vida. (MOZ e ZAWADSKI, 2007, p.60).

Segundo Beaudoin e Taylor (2006, p. 120), “o vínculo é um processo de abertura e aceitação a outra pessoa como um todo, com suas múltiplas versões do eu.” Se a empatia não foi desenvolvida na primeira infância, nós, enquanto educadores, podemos desenvolver em nossos alunos, fazendo-os refletir sobre suas atitudes, pensar estratégias para que cenas de violência não aconteçam mais. É também através do vínculo com os alunos, que os professores podem ver significativas mudanças de comportamentos dos alunos-problema. O professor ainda é um modelo a ser seguido, e só será seguido e admirado se fizer um vínculo saudável e seguro com seus alunos. As autoras citadas acima afirmam que:

O vínculo impede o surgimento de sérios problemas entre os alunos, como as brigas, a competição, o desrespeito e o bullying, além de evitar o tédio. Os alunos precisam manter um vínculo significativo, com seus colegas e com os professores, que revele seus eus preferidos. O vínculo ajuda a ser tolerantes uns com os outros, a aceitar a diversidade em sala de aula e a

aproveitar o longo tempo que passam na escola. (Ibidem, 2006, p. 120).

Estes vínculos podem ser promovidos através de atividades extraclases, como jogos esportivos, aulas de dança, gincanas solidárias e outras atividades sociais e de lazer com a participação dos professores. Nestes momentos, os alunos podem ver os professores em outra posição, que não a de donos do saber; podem falar sobre assuntos não acadêmicos; o que os torna humanos, diante dos alunos. O bullying tende a desaparecer em ambientes onde haja um clima afetivo e de confiança entre as pessoas e os professores têm uma responsabilidade muito grande na formação deste ambiente.

Na discussão com os alunos, também podemos conscientizar os espectadores de que esta atitude também não é bem aceita, já que quando se assistem calados, estamos sendo coniventes com a situação. Fante e Pedra (2008, p.122) colocam que devemos: “converter os espectadores em alunos solidários, a ação dos agressores passa a ser inaceitável. Portanto, se os agressores perdem os aplausos e o incentivo da platéia, conseqüentemente sua popularidade se reduzirá, bem como a motivação para os ataques.” Com certeza o silêncio é a pior solução.

Quando o bullying já está instalado na escola, precisamos partir para uma proposta de intervenção. Moz e Zawadski (2007, p. 130) nos trazem a definição do termo intervenção: “O termo intervir significa vir entre, de forma a impedir ou alterar um curso de eventos. Confrontar uma questão é apresentar um problema de forma que seja difícil não assumir a responsabilidade pela situação. As intervenções

devem ser planejadas com cuidado, e as confrontações, firmes, sensíveis e específicas.” A escola precisa ter uma política previamente discutida com toda a comunidade escolar para fazer as intervenções em casos de bullying. As referidas autoras afirmam que:

Intervir com pessoas que apresentem bullying e comportamento controlador e abusivo é a chave para interromper estes comportamentos. Demití-los, expulsá-los ou livrar-se deles sem confrontação pode ser um alívio para as vítimas atuais, mas não resolve o problema. Eles provavelmente irão para um emprego diferente, outra escola ou outro relacionamento e encontrarão outras pessoas para vitimizar. (MOZ; ZAWADSKI, 2007, p. 130).

Beaudoin e Taylor (2006) trazem o conceito de exteriorização dos problemas. Este conceito refere-se ao enfrentamento por parte das escolas e dos alunos, através do diálogo e da discussão. Segundo as autoras quando se fala sobre os problemas, os alunos começam a odiar o problema e não as pessoas que o estão criando, a perspectiva é alterada. A exteriorização diminui a ansiedade e promove a esperança, através de alternativas de resolução dos problemas. Este processo se difere de práticas tradicionais autoritárias e como veremos no quadro abaixo, proposto pelas referidas autoras têm resultados mais efetivos.

EFEITO DAS PRÁTICAS DE AUTORIDADES TRADICIONAIS	EFEITO DAS CONVERSAS COLABORATIVAS
<ul style="list-style-type: none"> • Alunos podem mudar por medo ou pelo desejo de agradar o adulto. • A motivação é externa (punição ou recompensa) • A vigilância muitas vezes é necessária. • É comum a reincidência, especialmente quando os alunos ficam sozinhos. • Podem crescer a frustração e o ressentimento com a adoção da punição, geralmente aumentando a probabilidade de o aluno praticar o <i>bullying</i> ou faltar com o respeito. • A conseqüência e a não lição que se aprende, pode dominar a mente dos alunos. • Os alunos ficam cada vez mais aborrecidos, ressentidos e afastados em função de seu relacionamento com os educadores, cuja experiência geralmente é de desrespeito ou de humilhação. • Os alunos não expressam para si mesmos, com clareza e sentido, como e por que poderiam reagir à situações de um modo diferente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos mudam por decisão pessoal. • Os alunos passam a ver com mais clareza por que desejam mudar. • A vigilância não é necessária; os alunos em geral têm um compromisso com suas próprias escolhas. • Se ocorrerem erros, serão infreqüentes e gerarão autoavaliação. • Geralmente cresce a autoconfiança à medida que os alunos têm mais êxito e consciência dos efeitos preferidos dos novos comportamentos. • É comum a congruência dos valores do indivíduo com a identidade preferida dominar a mente dos alunos. • Os alunos logo sentem respeito e respeitam cada vez mais os educadores por tratá-los como pessoas dignas de consideração. • Os alunos passam a exprimir com bastante clareza os efeitos negativos que lhes são importantes e as idéias exclusivas que lhes possibilitam agir de um modo diferente.

Fonte: BEAUDOIN ; TAYLOR, 2006, p. 61

Por fim, os problemas de desrespeito e de bullying na escola passam também por uma prevenção. Como podemos prevenir? Trabalhando uma cultura de paz, de afetividade,

de respeito à diversidade. Quando trabalhamos a diversidade, em outra perspectiva, os alunos entendem que a diversidade contribui para o crescimento do ser humano. Como o mundo

seria se fôssemos todos iguais? De que forma os esportes seriam afetados? E a música e as artes? Que mundo mais sem graça viveríamos! Com estas reflexões, os alunos, com certeza chegarão à conclusão de que a diversidade é importante e que deve ser valorizada aumentando, conseqüentemente, o respeito em relação aos diferentes.

Estes são os limites das instituições escolares, mas é claro que a escola não deve estar sozinha nesta guerra, as parcerias entre as instituições escolares, as instituições dedicadas a pesquisas, educação, saúde e serviços, podem ajudar o desenvolvimento e à implementação de programas conjuntos de prevenção e combate a violência; na formulação de políticas públicas que priorizem a assistência a criança e ao adolescente no tratamento de problemas psicológicos; na formação de lideranças educacionais colaborativas, construindo arcas para enfrentar as tempestades. (ORTEGA apud DEBARBIEUX, 2002, p.189).

Concluindo

Esta produção textual possibilitou uma breve reflexão sobre a sociedade e seus flagelos, em especial a violência escolar. Todos os debates sobre os indicadores de violência, delinquência, intimidação e condutas tiranas e irascíveis apontam para a existência de uma comunidade operando na busca de soluções.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, Dez. 1998, p. 7-19.

O exemplo de Sevilha, a preocupação não somente com os dados estatísticos, mas com ações preventivas a partir de constatações, se imagina que possa minimizar um estado social defectivo que vem sendo causado por força da inércia da sociedade. A natureza do fenômeno da violência não é problema só dos garotos e garotas da escola, mas das famílias, da escola e de todas as áreas da sociedade.

A escola há que tornar-se atrativa, apaixonante e verdadeiramente criadora de espaços diversificados de aprendizagem. As artes – música, teatro, dança e as artes visuais – precisam de maiores espaços nos currículos escolares visando à formação de um ser humano sensível e, por conseguinte, tenha condições de transformar seu entorno para melhor.

Um elogio sincero a uma atitude assertiva do aluno pode elevar sua autoestima e promover o bem-estar capaz de contagiar os demais. Atitudes positivas precisam ser exaltadas. Sentimentos positivos precisam ser transmitidos. Acreditamos que a sociedade comprometida com uma cultura de paz, de afetividade e respeito à diversidade pode modificar os cenários apresentados e vividos na atualidade. Parafraseando Ortega (apud Debarbieux, 2002), temos que construir arcas para enfrentar as tempestades e abrigos seguros aos flagelados, a fim de oportunizar um recomeço exitoso.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie. TAYLOR, Maureen. **Bullying e Desrespeito- Como acabar com esta cultura na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEBARBIEUX, Eric. **Violência nas Escolas:** Dez abordagens européias. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128722por.pdf> Acesso em 15 jun. 2010.

FANTE, Cléo. PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar-** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEVISKY, David W. **Adolescência e Violência:** ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”. São Paulo: Casa do Psicólogo. Hebraica, 2001.

MOZ, Jane Middelton. ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying-** Estratégias de Sobrevivência para Crianças e Adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola:** identificando pistas para prevenção. *Comunic. Saúde, Educ.* v7, nº13, 2003, p.119-134.

PRIBERAN, **Dicionário on-line.** Disponível em < <http://www.priberan.pt> > Acesso em 15 jun. 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição escolar e a Violência.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.iea.usp.br/tematicas/educacao>> Acesso em 14 jun.2010.

*Artigo submetido em novembro de 2010
Aceito em dezembro de 2011*